

figuras | histórias

Foto NEIL LEIFER

Muhammad Ali

IMAGENS DE UM CAMPEÃO

'GOAT - O Tributo' será editado pela Taschen na Feira do Livro de Frankfurt, já na próxima quarta-feira, revelando-se um documento exaustivo onde é traçada a trajetória do mais famoso pugilista de todos os tempos: Muhammad Ali. Uma grandiosa homenagem, com alguns textos e imagens que fizeram história e que a Domingo Magazine publica em exclusivo

Texto de PEDRO NEVES

O dessa Clay costumava contar à boca cheia que o primeiro sinal de que o seu filho mais novo viria a ser pugilista aconteceu quando, com seis meses de vida, ele lhe desferiu um murro na cara, com tanta força que a obrigou à remoção de dois dentes.

O gesto de Cassius Marcellus Clay Jr., nascido às seis e meia da tarde do dia 17 de Janeiro de 1942, não teve repercursões de maior durante a infância. O jovem só ingressaria no universo do boxe 12 anos mais tarde, devido ao roubo da sua bicicleta e à posterior conversa mantida com Joe Martin, um polícia da rural Louisville, Kentucky, que tomou conta da ocorrência, dono de um ginásio no qual o petiz começou a treinar. Desde esse momento, Cassius Clay, nome pelo qual viria a ser inicialmente conhecido no desporto, nunca mais deixou de dar socos. E

de vencer. O que começou como estratégia de autodefesa transformara-se rapidamente num modo de vida, através de uma profissão violenta mas principescamente remunerada.

Mais rápido do que os seus oponentes e possuidor de um estilo pouco ortodoxo, aos 18 anos, Cassius tinha conquistado todos os títulos de boxe amador dos Estados Unidos e estava pronto para a ida aos Jogos Olímpicos de Roma, que lhe va-

No final de 1963, Cassius Clay possuía um recorde impressionante de 19 vitórias

leram outra história curiosa. Sem receio de entrar em confronto com qualquer adversário, o pugilista tinha um medo enorme de voar, problema resolvido através de um sistema recamboloso: na viagem até Itália, o jovem viajou agarrado a um pará-quadras que tinha trazido de casa. Valeu a pena o esforço, pois conquistou a tão almejada medalha de ouro, derr-

DOMINGO MAGAZINE correio da manhã 51

histórias | figuras



O tira-teimas que Sonny Liston tanto desejava ocorreu a 25 de Maio de 1965, em Lewiston, Maine. Apesar da emoção e expectativa que rodeou o muito aguardado acontecimento, o embate entre os dois pugilistas é ainda hoje alvo de controvérsia devido à vitória pouco clara por parte de Muhammad Ali. Há quem diga que o golpe que ditou o resultado final não passou de um 'soco fantasma'. Verdade ou mentira, certo é que foi através dele que Ali defendeu pela primeira vez o cinturão de campeão do mundo, como um KO logo ao primeiro assalto. A rapidez na resolução do confronto também serviu de apoio à tese de que o resultado tinha sido forjado, embora os apoiantes de Muhammad Ali digam que ele jamais aceitaria entrar num ringue com tais condições, mesmo que elas funcionassem a seu favor.

Foto NEIL LEFER

deiro passaporte para a carreira de profissional.

No final de 1963, Cassius Clay, então considerado como um dos grandes novos valores do boxe mundial, possuía um recorde impressionante, com 19 vitórias, sendo que apenas três delas não tinham acontecido por 'knockout'.

Enviar os adversários ao tapete tinha-se tornado num hábito e a 25 de Fevereiro de 1964, o pugilista entraria pela primeira vez na disputa pelo cinturão de campeão do mundo de pesos-pesados, num combate contra Sonny Liston. Tinha alcançado o seu maior sonho.

A partir dessa altura, a vida de Cassius Clay nunca mais foi igual. A entrada no islamismo, pouco tempo depois, alterou-lhe o nome para Muhammad Ali. Seguiu-se uma suspensão devido a não querer ir para a Guerra do Vietname, alegando objecção de consciência por motivos religiosos, o que lhe valeu a perda do título pelo qual tanto lutara, seguindo-se a suspensão da licença de lutar e a recolha do passaporte. Mas não desistiu. Durante os três anos e meio afastado dos ringues, Ali escreveu textos e fez discursos sobre a segregação dos negros nos Estados Unidos, colaborou num documentário sobre a sua

vida e chegou a participar num musical da Broadway. Depois, voltou a ser o que sempre desejava: um campeão. Recuperou o título por duas vezes, teve uma vida afectiva complicada, com quatro casamentos e nove filhos. Hoje, dedica-se a causas humanitárias, à luta pela paz e à propagação dos seus ideais: Justiça e Paz. Tem uma fundação com o seu nome e todos os dias envia cartas a quem deseja receber uma palavra amiga de um dos maiores campeões, dentro e fora do ringue, de todos os tempos. É que apesar de sofrer da síndrome de Parkinson ainda está longe de ouvir o gongo definitivo. ■

histórias | figuras

O ano de 1964 marcou para sempre Cassius Clay. A notoriedade alcançada muito cedo numa modalidade tão competitiva e violenta fizera com que saltasse para as primeiras páginas das publicações mais conceituadas da 'terra do Tio Sam'. A 'Time' fez capa com este retrato da autoria de Bob Gornel, no qual se confirma de imediato a tenra idade do pugilista, dando a conhecer ao mundo o seu novo ídolo desportivo. Clay tinha deixado de ser um herói nacional para passar a ser conhecido em todo o mundo. E a carreira só estava no começo.

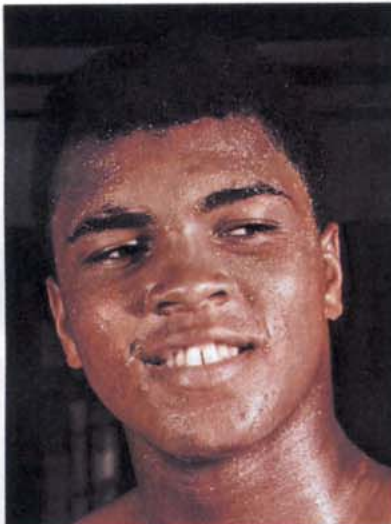


Foto: BOB GORNEL/TIMELIFE PICTURES/GETTY IMAGES



A entrega do cinturão de campeão do mundo de pesos-pesados a Cassius Clay valeu-lhe fama internacional e a sua imagem foi utilizada em prol do combate político. Pouco depois da conquista do título, o jovem nascido no Estado do Kentucky começou a ser visto em público com personalidades distintas da política norte-americana, em especial daquelas que apregoavam os direitos dos negros. Os rumores de que se tinha juntado à Nação do Islão, organização liderada por Elijah Muhammad que apregoava que, contrariando a proposta de integração na sociedade os negros, estes deveriam lutar por um território só seu dentro dos 'states', seriam confirmados pouco depois. Malcom X (na foto) era uma das figuras mais vezes vistas ao lado do desportista, que com a opção pelo islamismo mudou o nome para Cassius X e, mais tarde, para Muhammad Ali. Tinha-se tornado numa 'bandeira' dos oprimidos e desafortunados.





Foto NEIL LEIFER

25 de Fevereiro de 1964 marca o alcançar do maior objectivo a que alguma vez Cassius Clay se propôs: conquistar o cinturão de campeão do mundo de pesos-pesados. O combate teve lugar no Convention Hall de Miami, Florida, e o seu opositor foi Charles Sonny Liston, na altura considerado um adversário praticamente intransponível e invencível durante nove anos consecutivos. As apostas estavam de sete para um a favor de Liston, mas Cassius Clay inverteu a tendência dos especialistas e derrotou tão forte oponente utilizando uma técnica desconcertante, assente numa velocidade de pernas que se tornou na sua imagem de marca, combinada com golpes rápidos e inesperados. No início do sétimo assalto, Liston manteve-se sentado no seu canto e desistiu de lutar. Cassius Clay virou-se para os incrédulos jornalistas e perguntou: "Quem é o maior? Engulam as vossas palavras! Eu choquei o mundo!"



Foto NEIL LEIFER

Após o fim da suspensão da licença de praticar boxe, Muhammad Ali ganhou combates seguidos até chegar novamente à luta pelo título, que ficou conhecida como "o combate do século", diante de Joe Frazier, a 8 de Março de 1971. No entanto, perdeu aos pontos o duelo travado no mítico Madison Square Garden, em Nova Iorque, naquela que foi a sua primeira derrota enquanto profissional. Mas não desistiu. O primeiro lugar no desporto que aprendera a amar desde cedo voltaria a ser alcançado a 30 de Outubro de 1974, num combate disputado em Kinshasa, no Zaire, financiado por Mobutu, com um prémio de cinco milhões de dólares para cada um dos intervenientes: Muhammad Ali e George Foreman. Designação para o duelo: "Rumble in the Jungle". Ali venceu por KO ao oitavo assalto e tornou-se no segundo pugilista (o primeiro foi Floyd Patterson) a contrariar a máxima de que "eles nunca regressam", utilizada para explicar que é (quase) impossível um ex-campeão de pesos-pesados voltar a conquistar o título.

histórias | figuras



Foto NEIL LEFFER

Os conhecedores da biografia de Muhammad Ali apontam a viagem ao Gana como o momento decisivo na viragem do seu pensamento político, social e religioso. Realizada em 1964, pouco depois de ter ganho o título mundial, a aventura foi ainda mais bem sucedida do que o pugilista imaginava, com milhares de pessoas a gritarem nas ruas o seu nome islâmico: Ali. Kwame Nkrumah, Presidente do país, famoso anti-colonialista e fundador do movimento Pan Africano, tornou-se por essa altura no primeiro chefe de Estado a apertar a mão ao desportista. Pode parecer pouco relevante, mas foram precisos mais 12 anos para que o gesto fosse repetido pelo homólogo norte-americano. Hoje, não há nenhum Presidente dos Estados Unidos que não o queira fazer, ou sinta necessidade disso para ganhar votos junto da população negra. Sinais dos tempos.



Foto TASCHEN



'GOAT - O TRIBUTO': O livro a ser lançado pela Taschen, honra Muhammad Ali. Aliás, logo pelo título, 'GOAT' - sigla de 'Greatest Of All Times' (O Maior de Todos os Tempos) -, dá para ver a forma com que o ex-pugilista foi tratado pela editora. A obra parece um ringue de boxe e nas suas 800 páginas inclui diversos relatos sobre a vida de Ali, sendo ilustrada com 3000 fotografias, algumas delas nunca antes publicadas e outras de arquivos pessoais, assim como artigos de imprensa, posters e escritos do próprio desportista. Ao todo foram concebidos 10 mil exemplares, numa edição numerada e assinada por Ali. As primeiras mil cópias trazem ainda uma estátua do artista plástico Jeff Koons (nas restantes apenas aparece uma fotografia da mesma) e imagens captadas pelo fotógrafo Howard Bingham, amigo de longa data do pugilista. O preço desta edição é de 7500 €, enquanto a 'normal' custará 3000 €.